



Múltiplos encontros

Edmar Bacha

Economista, é sócio-fundador e diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças

Conheci Regis Bonelli no 1º semestre de 1967, quando ele e Pedro Malan já eram amigos há alguns anos. Encontramo-nos no Rio de Janeiro. Estava na cidade pesquisando para minha tese doutoral sobre a economia do café na Universidade de Yale. Eles, trabalhando no Ipea, preparavam-se para fazer o doutorado em Berkeley. Já impregnado pelo clima de *flower power* nos Estados Unidos, onde estava desde 1964, lembro-me de os haver achado muito elegantes em seus suéteres que imaginei serem de *cashmere* inglês. Elegância, diga-se de passagem, que ambos mantiveram ao longo da vida, mesmo com Regis tendo aderido à moda da barba crescida (mas bem aparada).

Estive novamente com eles em Berkeley, para alguma conferência acadêmica, seguida de bons comese-bebes na casa de Regis.

Quando Pedro e Regis terminaram o doutorado em Berkeley, tentei levá-los para a Universidade de Brasília, onde no início dos anos 1970 estava montando um curso de mestrado em economia. Regis resistiu bravamente, Pedro durante um ano ficou como professor-visitante da UnB, voando toda a semana entre Rio e Brasília, e se hospedando em meu apartamento.

Reencontramo-nos os três, desta vez acompanhados por uma turma bem maior, na criação do mestrado em economia na PUC-Rio no final dos anos 1970. Regis e Pedro eram professores de tempo parcial, embora tenham ali passado períodos em tempo integral.

Da importância de ambos na gestação do pensamento econômico da PUC-Rio dão testemunho seus capítulos para o livro que marca a primeira presença pública dessa escola: *Dívida externa, recessão e ajuste estrutural: o Brasil diante da crise* (org. Persio Arida, Paz e Terra, 1983). Caracteristicamente, Bonelli discute o impacto do corte anunciado das importações sobre o emprego e o investimento em capital fixo, e Malan elabora os termos de uma possível renegociação da dívida externa.

Malan partiu então para os EUA para uma bem-sucedida década em organizações internacionais, primeiro como funcionário das Nações Unidas e em seguida, após a redemocratização, como representante brasileiro no Banco Mundial e no Banco Interamericano de Desenvolvimento. Foi quando pôde sair da teoria para a prática e, entre 1991 e 1993, realizar a renegociação da dívida externa brasileira.

Novos dotes

A redemocratização propiciou para mim e Regis uma oportunidade de testarmos nossos dotes como administradores públicos. Convidados por João Sayad, então ministro do Planejamento, assumimos em maio de 1985 o comando do IBGE, eu como presidente, ele como diretor-geral. Montamos lá uma equipe de primeira e fizemos uma ampla reforma administrativa que perdura até hoje. Ela permitiu ampliar fortemente a atuação do instituto, com sua abertura para os pesquisadores e o público em geral, a aceleração das pesquisas e dos censos, a absorção do projeto Radar na Amazônia, e a incorporação das contas nacionais e dos índices de preços. Ao mesmo tempo, racionalizamos sua estrutura administrativa, reduzindo o número de diretorias, instituindo um plano de cargos e salários e, através de um programa de demissão incentivada, diminuindo o número de funcionários em cerca de 30%.

Em novembro de 1986, demití-me da presidência do IBGE por divergências insanáveis com a condução do Plano Cruzado pela equipe do Ministério da Fazenda. Sayad insistiu com Regis para que assumisse a presidência do instituto, mas ele se

recusou peremptoriamente dizendo que havíamos entrado ali juntos e dali sairíamos também juntos.

Sáimos do IBGE com a amizade fortalecida, mas só voltamos a trabalhar juntos na preparação do chamado Programa de Ação Imediata (PAI) do Ministério da Fazenda, em 1993. Pedi a Regis que me ajudasse a escrever um manual do orçamento brasileiro, ao constatar, quando cheguei em Brasília, como assessor do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, que a confecção do orçamento era tratada como uma arte oculta à qual somente tinham acesso os iniciados da Secretaria de Orçamento e Finanças do Ministério do Planejamento. Esse texto nunca foi completado, mas o processo de sua elaboração foi importante para facilitar o redesenho do orçamento da União de 1994, com a incorporação do Fundo Social de Emergência, antecedendo a implantação do Plano Real.

Quando Fernando Henrique Cardoso assumiu a Presidência do país em 1995, nomeou-me para o BNDES. Tratei de cercar-me de uma equipe qualificada, contando para isso com o aconselhamento de Regis Bonelli que assumiu uma direção executiva do banco. Ali ele pôde colocar em prática, na política de empréstimos da instituição, todo seu conhecimento sobre a estrutura industrial brasileira. Também deu início à importante contribuição que o BNDES vem desde então dando ao desenvolvimento do cinema brasileiro.

De volta ao Ipea, Regis Bonelli reuniu alguns de seus importantes textos sobre a experiência de industrialização brasileira no livro *Ensaio sobre política econômica*

e industrialização no Brasil (Rio de Janeiro: Senai&CIET, 1995), para o qual tive a honra de escrever a Apresentação. Em seus Agradecimentos, Regis lamenta que, apesar de “nossa já longa amizade”, nunca tivéramos a oportunidade de escrever alguma coisa juntos.

Felizmente, esse lamento hoje não tem mais razão de ser. Pois, a partir da criação em 2003 do Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças, Regis dele se tornou pesquisador associado. Assim pudemos desenvolver um profícuo programa conjunto de pesquisas sobre o processo de crescimento econômico brasileiro desde 1940 e de sua inflexão a partir de 1980.

Escrevemos um texto que teve múltiplas versões ao longo dos anos. Inicialmente, intitulava-se “Uma métrica para explicar o crescimento brasileiro” e foi apresentado em seminário na Casa das Garças em setembro de 2003. Uma versão em inglês foi apresentada em seminário internacional, lá mesmo, em dezembro de 2003. Após algumas revisões, o título mudou para “Uma interpretação das causas da desaceleração econômica do Brasil” e foi publicado na *Revista de Economia Política* de julho-setembro de 2005.

Passaram-se alguns anos e algumas revisões das contas nacionais, e de novo Regis e eu nos debruçamos sobre o tema de “por que o Brasil não mais cresce como antes”. Uma nova versão, com o título “Crescimento econômico brasileiro revisitado”, foi publicada no livro organizado por Fernando Veloso *et al.*, *Desenvolvimento econômico: uma perspectiva brasileira* (Elsevier, 2013). A versão que considero defi-

nitiva veio à luz pouco depois, com o título “Accounting for the rise and fall of Brazil’s growth after World War II”, no livro *Macroeconomics and development: Roberto Frenkel and the economics of Latin America* (Columbia University Press, 2016), organizado por M. Damill, M. Rappetti e G. Rozenwurcel.

Um verdadeiro *tour de force*, mas empreendido com enorme prazer, a tal ponto que, ao concluirmos a última versão, sempre trabalhando no computador de seu apartamento no Jardim Botânico, Regis me perguntou: mas será que não dá para esticar mais um pouco, é tão bom trabalhar junto!

Sim, deu para esticar mais um pouco. Nosso texto ajudava a entender por que o Brasil, tendo se mantido como uma economia fechada ao comércio exterior, não conseguira recuperar sua capacidade de crescimento. Mas havia um mistério: por que o México, tendo aberto sua economia (aos EUA), também não voltou a crescer como antes? Tentar responder a essa pergunta foi nossa última atividade conjunta de pesquisa, com um texto publicado na revista *Novos Estudos* do Cebap, em julho de 2016, com o título: “Coincident growth collapses: Brazil and Mexico since the early 1980s”.

Durante 50 anos, Regis foi um grande amigo, na academia, na burocracia, no cotidiano de nossas vidas. Assuntos não faltavam, numa conversa que se renovava em almoços semanais no d’Amici, com frequência na companhia de Pedro Malan. Sua perda deixa um grande vazio. Fica sua obra e minha gratidão pela alegria de nosso convívio. ■